Capítulo 18

A evolução de Roma: a família, o Direito, a religião e a arte

Nos primeiros tempos da República, os romanos levavam vida simples. Trabalhavam no campo e alimentavam-se de legumes, vinho, azeite, pão e queijo; carne, às vezes. Homens vestiam toga, manto trançado em volta do corpo; mulheres usavam pala, um manto longo.

Na *família*, o pai era todo-poderoso. Tinha direitos ilimitados sobre a mulher, filhos, escravos, bens. A severidade lhe dava um ar solene. Os mais velhos serviam de exemplo. Exigiam obediência, pureza de costumes e amor à verdade. Pautavam-se pela modéstia e respeito aos antepassados. As regras da vida familiar eram o fundamento da disciplina militar, do poder político e da grandeza romana.

1. Cidadania e Direito

Coragem, gosto pela glória, respeito aos deuses, lealdade: por esses critérios se julgava um cidadão romano; eram qualidades obrigatórias de quem estivesse a serviço da *res publica* (coisa pública). O Estado estava acima de tudo. Duas instituições regulavam a vida do cidadão: a lei pública e a lei privada. A preocupação com as leis levou os romanos a desenvolver minuciosamente o seu Direito.

Havia o *Direito Civil (jus civile)*, originário dos costumes e da lei. Com a conquista da Itália, surgiu o *Direito Estrangeiro (jus gentium)*. Os dois ramos faziam parte do *Direito Público (jus publicum)*, em oposição ao *Direito Privado*, que regulamentava as relações entre as famílias. Aos poucos, os pretores criaram o *Direito Pretoriano*, formado por seus editos (decretos). Na República, os magistrados encaminhavam às assembléias leis que, aprovadas, incorporavam-se ao Direito Público. Havia ainda leis costumeiras, não-escritas. A aplicação do Direito cabia exclusivamente ao clero.

As primeiras escolas de Direito surgiram no Império. Os juristas passaram a compilar as respostas que os melhores juízes davam às consultas e as anexavam aos códigos de Direito. O Direito Romano, adotado por outros povos europeus, conserva sua importância até hoje.

2. Religião: em família e pública

O culto aos antepassados baseava-se na crença dos *numina*, divindades da natureza, gênios ou espíritos protetores da família (os *Lares*) que se transmitiam de *pater* a *pater* (pai a pai). Deuses especiais, os *Penates*, guardavam bens e alimentos. O *pater* os cultuava junto da lareira, onde o fogo sagrado da família ardia sempre. Às refeições, espalhavam perto do fogo migalhas, gotas de vinho e leite, doações aos deuses, para atrair proteção. Com o mesmo fim, punham alimentos para os deuses *Manes* nos túmulos dos mortos.

Nas festas familiares, sacrificavam aos deuses um boi, porco ou carneiro, dividido depois entre todos os membros da família.

Os romanos acreditavam numa multidão de deuses. Tinham uma fé formalista e prática. Desconheciam idéias de piedade, misticismo, amor aos deuses. O culto tinha por objetivo obter o favor dos deuses. Havia uma espécie de contrato: os fiéis ofereciam presentes e esperavam boas colheitas ou vitórias nas guerras.

O *culto público* tinha caráter cívico. O Senado velava pela tradição. Mas a transformação religiosa era contínua, com a inclusão de deuses novos, etruscos, gregos e asiáticos.

Deuses e sacerdotes

Júpiter, Marte e Quirino constituíram a primeira trindade romana. No início da República (509 a.C.), os romanos incorporaram uma nova trindade, de origem etrusca: Júpiter, Juno e Minerva.

Os doze grandes deuses correspondiam aos gregos: Júpiter (Zeus), Juno (Hera), Minerva (Atena), Ceres (Deméter), Marte (Ares), Vênus (Afrodite), Vulcano (Hefaístos), Apolo (Apolo), Diana (Artêmis), Mercúrio (Hermes), Vesta (Héstia) e Netuno (Poseidon). Plutão (Hades) era o deus dos infernos.

Os sacerdotes viviam como qualquer cidadão

e agrupavam-se em *colégios*. Os *pontífices* supervisionavam o culto, fixavam o calendário e anotavam os fatos diários, para interpretar a vontade dos deuses. O *Pontífice Máximo* era o chefe da religião romana. Os *flâmines* cuidavam do culto de cada deus. Os *áugures* interpretavam a vontade dos deuses observando a natureza, especialmente o canto e o vôo dos pássaros. Os *feciais* pediam sucesso nas relações exteriores; eram os encarregados de declarar guerra e estabelecer a paz.

As *vestais*, escolhidas pelo Pontífice Máximo entre as caçulas das grandes famílias, mantinham aceso o fogo sagrado. Moravam num templo perto do fórum. Serviam por trinta anos e podiam voltar à vida comum.

O calendário estabelecia dias *fastos* (úteis) e *nefastos* (feriados). Regulava-se a vida política e social pela interpretação dos *auspícios*, manifestações dos deuses, como a simples queda de uma folha de árvore. Manifestações excepcionais, como um animal ou criança deformados, eram *prodígios*, maus sinais. Os *arúspices* faziam suas interpretações lendo as entranhas dos animais. Comandantes em guerra orientavam-se observando o apetite dos frangos sagrados de Juno.

Em dúvida sobre o modo de acalmar os deuses, os sacerdotes consultavam os *livros sibilinos*, que Tarquínio, o Antigo, teria recebido de Cumas, sibila (sacerdotisa que previa o futuro) de Apolo.

Havia as festas religiosas: em março, as *matronálias*, homenagem às mães; em maio, a *lamúria*, festa dos mortos; em dezembro, as *saturnais*, em homenagem a Saturno. Em setembro realizavam-se grandes jogos, em homenagem a Júpiter; começavam com procissões e duravam quinze dias.

3. A cultura

Os romanos não se destacaram nas artes. Seu teatro produziu farsas grosseiras. Desprezavam os gregos, que achavam efeminados. Porém, a arte grega foi uma das duas fontes principais da arte romana, ao lado da arte das velhas civilizações itálicas.

A arte grega chegou à Itália através da Magna Grécia e dos etruscos, dos quais os romanos também copiaram a forma orientalizante de representar a natureza. Dos itálicos, assimilaram a *simetria*, harmonia resultante da combinação de formas regulares; e a *axialidade*, isto é, a obediência a eixos principais. Ao contrário dos gregos, que decoravam os edifícios, os romanos planejaram os templos como um conjunto de formas e superfícies.

A *arquitetura* foi a grande manifestação artística dos romanos. Para os gregos, obras essenciais eram os templos. Os práticos romanos davam destaque aos reservatórios de água, aquedutos, edifícios com patamares, fachadas e pórticos. A fusão de diferentes volumes num só edifício deu origem a todo um sistema arquitetural. Um bom exemplo está nos banhos públicos construídos pelos imperadores, as termas imperiais, com arcos, cúpulas e semicúpulas. Mercados e tribunais, no estilo de basílica, serviram de modelo para as igrejas cristãs, às quais os construtores acrescentaram a cúpula central, ao estilo do Panteon. Os romanos introduziram novos materiais, como cimento e tijolos; e novas técnicas, como o arco e a abóbada.

Os escultores, fugindo ao estilo grego de idealização, copiavam os traços da figura, sobretudo nos bustos, como os dos antepassados, postos no átrio, o pátio interno das casas. Os baixo-relevos históricos louvavam os feitos militares e evoluíram para a construção de arcos de triunfo, como as colunas de Trajano e Marco Aurélio.

Pinturas murais em geral abordavam temas rurais e inspiraram-se na tradição grega, como as encontradas nas ruínas de Pompéia.

Questões propostas

1. Que vida levavam os romanos dos primeiros tempos da República? Quais eram as características de seu espírito?

2. A que levou a preocupação dos romanos com as leis?

3. Comente a religião romana atendendo a: culto familiar, deuses; culto público, festas e jogos.

4. Que achavam os romanos da arte grega e dos gregos? Em que ramo das artes se destacaram os romanos?

5. Compare a escultura romana com a grega e comente.